

Para uma sociolinguística do texto literário traduzido: um olhar sobre *The Color Purple* e sua tradução

Maristela Cury Sarian

Resumo

*Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação entre a tradução e a sociolinguística, a partir da análise da tradução do romance epistolar *The Color Purple*, da afro-americana Alice Walker, *A cor púrpura*, realizada por Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira, a fim de investigar como a heterogeneidade linguística da obra original, associada, sobretudo, à maior ou menor frequência de uso de inglês padrão e de Black English Vernacular pelas personagens, foi construída na tradução. Nessa análise, verifico quais foram os recursos utilizados na caracterização da linguagem das personagens e como estes podem ser associados aos diferentes graus de escolaridade e de letramento de Celie e Nettie, valendo-me, como instrumental para essa análise, de descrições da variação sociolinguística, das teorias do letramento e dos processos de aquisição de língua escrita.*

Palavras-chave: *Sociolinguística. Tradução dialéctal. Walker, Alice. *The Color Purple*. *A cor púrpura*.*

Introdução

O romance *The Color Purple*, escrito em 1982 pela afro-americana Alice Walker, narra a história de Celie, personagem negra, pobre e pouco letrada, vítima de abusos morais e sexuais. Trata-se de um romance epistolar, construído na forma de cartas escritas pelas irmãs Celie e Nettie; Celie escreve primeiramente a Deus e, posteriormente, à sua irmã Nettie; Nettie, por sua vez, escreve somente a Celie, resultando em um conjunto de cartas que compõe a narrativa do romance.

A escrita desempenha um papel fundamental na obra, visto que o ato de escrever assinala a própria sobrevivência de Celie. Condenada ao silêncio, uma vez que é oprimida pelo padrasto e, quando se casa, pelo marido, é por meio da escritura que a personagem ganha voz nas cartas que escreve a Deus e a Nettie, relatando seus dramas, sua vida e sua história. Além de a protagonista se expressar por meio das cartas, escrever seria a única forma de manter o contato com a irmã Nettie, já que esta saiu de casa para ganhar o mundo. A importância da escrita para Nettie, no entanto, não é a mesma que para Celie. Para Nettie, a escritura das cartas também possibilita o relato de sua vida, suas alegrias e tristezas; porém, a importância do papel da escritura para ela residiria na possibilidade de contato com a irmã, já que a vida mais independente de Nettie não faz do ato de escrever sua única forma de exposição de idéias e sentimentos.

Para a protagonista, a escritura seria a forma de dizer o que não poderia ser dito. De natureza confidencial, as cartas escritas por Celie se parecem com uma conversa bastante íntima e pessoal, já que escreve como se estivesse escrevendo um diário. Seria também por meio das cartas que se estabeleceria a comunicação à distância entre as irmãs, uma vez que a troca de correspondência seria o único meio pelo qual as personagens entrariam em contato, o que, de fato, não ocorre, pois as cartas nunca chegam a seu destino. Apesar de as cartas de Celie conterem um interlocutor explícito, sua escrita é uma "escrita solitária", pois não recebe respostas. Não há, dessa forma, o caráter de interação propiciado pela carta, o que dá à correspondência do romance um caráter particular.

Analisar a escrita das cartas de *The Color Purple* e de sua tradução, *A cor púrpura*, com as "lentes sociolingüísticas", para retomar as palavras de Fernando Tarallo (1984, p. 91), permite associar a linguagem da obra original e da tradução às variáveis sociolingüísticas e, dessa forma, construir uma ponte entre os estudos da tradução e a sociolingüística.

Para o empreendimento da análise da linguagem das cartas, estabeleço uma relação entre a linguagem construída para as personagens e seus diferentes graus de escolaridade e letramento, variáveis utilizadas como instrumental para explicar as diferenças lingüísticas apresentadas nas cartas de Celie e Nettie.

A relação da escrita com os graus de escolaridade e letramento das personagens em *The Color Purple*

Do ponto de vista da sociolingüística, há uma estreita relação entre a linguagem de um indivíduo e seu grau de escolaridade. Quanto mais alto for o grau de escolaridade, a competência lingüística do falante tende a ser mais elevada. Dito de outra forma, espera-se que um indivíduo altamente escolarizado apresente um nível de linguagem próximo às formas cultas da língua.

Os diferentes graus de escolaridade das personagens tornam-se evidentes no decorrer da leitura de *The Color Purple*, o que explicaria o uso predominante de linguagem não-padrão pela personagem Celie e o maior domínio da linguagem padrão pela personagem Nettie. Apesar de o romance não fornecer com precisão em qual série Celie deixa a escola, presume-se que a protagonista tenha sido tirada da escola logo nos primeiros anos escolares, possivelmente na primeira série, no momento em que engravida de seu padrasto.

A prematura interrupção nos estudos de Celie faz com que Nettie se torne a "professora" de Celie, a fim de dar continuidade aos estudos da irmã. Explicita-se, assim, o modo pelo qual se realiza o processo de aquisição da língua escrita da protagonista, que não se deu somente na escola, principal agência formal de um tipo de letramento, para utilizar o termo de Ângela Kleiman (1998, 1999), mas no âmbito familiar.

Assim como o período em que Celie permaneceu na escola foi relativamente curto, as aulas ministradas por Nettie também não foram de longa duração. Infere-se que Celie interrompe seu processo de aprendizado na fase de aquisição da língua escrita. Como consequência, a protagonista leva para as cartas a escrita e a variedade lingüística de que dispõe, resultando, principalmente, no uso sistemático de traços gramaticais e fonológicos da variedade não-padrão *Black English Vernacular* [BEV, doravante],¹ estilo informal e ortografia em desacordo com as normas institucionalizadas, ao lado do inglês padrão.

Verifica-se, no original, que a personagem Celie não altera sua linguagem de acordo com a mudança de interlocutores de suas cartas ou de personagens com quem dialoga. Em relação ao BEV, seu uso não estaria condicionado à situação em que as personagens escrevem as cartas, mas ao emprego de um outro sistema lingüístico, o que pode ser relacionado à descrição de William Labov (1970, p. 21), para quem "o inglês negro não-padrão [...] parece ser um 'sistema' diferente".²

O grau de escolaridade de Nettie é mais elevado que o da sua irmã Celie. Nettie tem a oportunidade de freqüentar a escola por mais tempo, além de estudar por conta própria e de trabalhar como missionária e professora na África. Além do inglês, sua língua materna, Nettie também tem conhecimento do dialeto africano Olinka, já que seu trabalho de missionária seria desenvolvido na África.

¹ Refiro-me ao dialeto como BEV em consonância com as descrições da sociolingüística citadas neste trabalho. No entanto, no final dos anos 70, surgiram questionamentos sobre a designação do dialeto, especialmente sobre o uso de "Black", e BEV passou a co-ocorrer com *African American Vernacular English* (AAVE), conforme aponta Geneva Smitherman (1994). De acordo com essa autora, o emprego de outro nome para o dialeto seria fruto de uma postura política desencadeada nas comunidades afro-americanas, que legitimaria a demanda pela igualdade política e econômica dos negros nos Estados Unidos.

² Tradução minha, bem como as demais, quando não há edição publicada em português. As traduções também passaram por uma revisão.

A variável grau de escolaridade não é a única responsável pelo uso de linguagem predominantemente padrão nas narrativas de Nettie. Ao lado dessa variável, o grau de letramento a que a personagem foi submetida é um dado que muito interfere na linguagem dessa personagem, que além de ter tido maior contato com a escrita no âmbito institucional, continuou inserida com mais intensidade nas práticas sociais de escrita em seu trabalho como professora e missionária.

Dessa forma, a noção de grau de letramento tomada num sentido mais amplo não se confunde com a alfabetização centrada na aquisição do código escrito alfabético. A alfabetização seria apenas um tipo de letramento, *“que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita”* (KLEIMAN, 1999, p. 19), mas não se superpõe a ele.

Além de o grau de escolaridade de Nettie ser mais alto que o de sua irmã, os graus de letramento entre elas também são bastante distintos. Essa diferença, porém, não se configura por pólos distintos do tipo letrado e não letrado, mas em graus e níveis de um contínuo. Assim, não se pode afirmar que Celie seja iletrada e Nettie, letrada, mas que o grau de letramento de Nettie é mais alto que o de Celie. Isso pode ser observado pelo maior contato de Nettie com a escrita, que se iniciou na infância, antes mesmo de ser alfabetizada. Essa relação remete a uma concepção de letramento comprometida com as práticas sociais da escrita antes e após a alfabetização, o que expande *“a condição de letrado para um momento anterior à alfabetização”* (CORRÊA, 2001, p. 141).

De acordo com Kleiman (1998), o letramento não estaria restrito somente aos eventos e práticas comunicativas mediadas pelo texto escrito, mas também pela oralidade. Nas palavras da autora, *“escutar notícias de rádio é um evento de letramento, pois o texto ouvido tem as marcas de planejamento e lexicalização típicas da modalidade escrita”* (KLEIMAN, 1998, p. 181-182). Apesar disso, no caso da personagem Celie, o meio social em que a protagonista vive não propicia o contato com variedades outras além da que a personagem utiliza, fato que contribui para uma maior estabilidade da linguagem de Celie por todo o romance.

Dino Preti (2000) reconhece que, além da escolaridade, existiriam outros meios pelos quais um falante adquiriria e desenvolveria seu potencial lingüístico. Ao desvincular, em certa medida, a variedade lingüística de um indivíduo do grau de escolaridade, afirma que *“o ambiente em que o falante vive, entretanto, é condição fundamental para a aquisição dos novos e progressivos hábitos lingüísticos, independente do grau de escolaridade”* (PRETI, 2000, p. 27). No caso da personagem Nettie, as práticas sociais de contato com a escrita propiciaram que sua linguagem adquirisse *“novos e progressivos hábitos”*, para usar as palavras do autor, diferentemente da personagem Celie.

Ao empreender uma análise comparativa da linguagem das irmãs, verifiquei que, na obra original, além de a linguagem da personagem Nettie ser construída por um número reduzido de formas lingüísticas em desacordo com a gramática normativa, o uso dessas formas foi diminuído gradativamente, padronizando-se ao longo do romance e apresentando um estilo mais formal, o que não ocorre com as cartas de Celie. Disso conclui-se que a relação entre o maior ou o menor uso de BEV, nas cartas de Celie e Nettie, respectivamente, deveu-se a seus diferentes graus de escolaridade e de letramento.

Assim, observa-se que a variável sociolingüística grau de escolaridade tomada isoladamente não daria conta de explicar a diferença de linguagem das duas personagens, uma vez que "o fator escolaridade, utilizado como critério de mensuração de variedades sociolingüísticas, pode conter imprecisões ligadas à não consideração do grau de letramento, mesmo no sentido mais restrito desse termo" (CORRÊA, 2001, p. 142). Desse modo, o letramento passa a ser um dos fatores que definem a diferença de linguagem entre as personagens, ampliando a relação entre a linguagem e o grau de escolaridade das personagens à variável grau de letramento.

O BEV da obra e a questão da representação dialetal em *The Color Purple*

No processo de recriação dialetal em *The Color Purple*, faz-se necessário ressaltar que o BEV empregado na obra não é uma representação fiel, autêntica e homogênea do dialeto, embora se possa observar vários de seus traços característicos descritos por sociolingüistas como Joe Dillard (1972), William Labov (1972), Ralph Fasold e Walt Wolfram (1970) e Walt Wolfram e Ralph Fasold (1974). Ainda que a linguagem do romance apresente elementos que contribuam para o estabelecimento de relações entre a linguagem e o grupo social que a utiliza, não se pode negar a impossibilidade de se conceber a língua escrita como representação fiel e autêntica da língua falada e, assim, transpor um dialeto tipicamente oral para a linguagem escrita.

A problemática da representação estende-se a todo e qualquer texto escrito, tendo sido trabalhada por diferentes perspectivas no campo da literatura e da lingüística. Autores de linhas diversas são unânimes em defender que não há como representar um dialeto na literatura porque não se pode conceber a língua escrita como representação direta da língua falada. Dessa forma, é ilusório pensar que, em algum nível, a escrita representaria a fala, mesmo no caso de escritores que pretendem retratar, em suas obras, a língua falada de seu tempo. O que de fato ocorre, conforme apontam Dino Preti e Hudinilson Urbano, é uma tentativa de se levar à língua escrita a "realidade" da língua falada. Para Preti (2000, p. 71), "em certos escritores [...] há um interesse evidente em apresentar suas personagens como seres vivos, com relações diretas com o ambiente em que atuam, muito embora reconheçamos que tal processo nem por isso deixe de continuar sendo ficção, mera mimese

seletiva da realidade". De acordo com Urbano (2000, p. 131), "*por mais real e natural que pareça a fala do personagem ou até mesmo do narrador, não se pode jamais esquecer de que se trata de uma ilusão, como aliás, todos os demais elementos na obra de ficção*". Conclui-se, assim, que a fala "representada" se trata antes de uma recriação, que de uma representação.

Os problemas e as dificuldades de se levar a fala para a escrita se dariam em vários níveis, como as limitações impostas pelo canal escrito, o compromisso autoral com a legibilidade da obra e os condicionamentos sociais.

Pela perspectiva da sociolinguística proposta por Preti (1977), a dificuldade da representação residiria no âmbito da ortografia e dos elementos supra-segmentais. Em relação à questão ortográfica, o autor afirma que a "*tentativa de retratar o ato falado caminha para a ortografia fonética individual, nem sempre uniforme e razoável, que poderá impedir a compreensão do leitor*" (PRETI, 1977, p. 42). Já no que concerne aos elementos supra-segmentais, o autor afirma que, "*para representá-los, a escrita possui apenas os sinais de pontuação, os diacríticos, as maiúsculas, a repetição de vogais, os recursos tipográficos do negrito, do grifo, da caixa alta e baixa, todos eles insuficientes, apesar das variações originais de certos autores*" (PRETI, 1977, p. 44).

Ainda em relação à questão ortográfica, os problemas se acentuariam quando o dialeto a ser "representado" se tratasse de uma variação sociolinguística. De acordo com Luiz Carlos Cagliari (1999, p. 98), "*a ortografia veio dizer que era preciso congelar a forma de escrever das palavras, neutralizando assim o problema da variação linguística, causado pelo fato de as línguas terem diferentes dialetos*". Para o autor, representar essa diferença dialetal criaria "*problemas sérios de leitura e de uso da escrita na sociedade*" (CAGLIARI, 1999, p. 98).

No âmbito da literatura, uma estratégia empregada para produzir o efeito de imitação da pronúncia na escrita seria o *eye-dialect*. Como o próprio nome dessa estratégia sugere, o *eye-dialect* é somente verificado durante o processo de leitura, uma vez que se caracteriza, de acordo com Winthrop Francis (1958, p. 541), pelo "*ato de grafar palavras usuais quase foneticamente*", restringindo o uso dessa estratégia à pronúncia não-padrão. Para autores que expandem esse uso à pronúncia padrão, a escritura do *eye-dialect* seria semelhante à fala que, quando pronunciada, "*não significa nada para os ouvidos, embora possa significar algo para os olhos*" (KRAPP, 1972 apud JOHNSON, 1988, p. 58).

Ao emprego do *eye-dialect* na literatura atribuem-se determinadas funções. De acordo com Johnson (1988), a função do *eye-dialect* estaria relacionada mais especificamente ao uso tradicional do BEV na literatura, associado à caricatura, a fim de "*alertar o leitor para o status racial, educacional e social do falante do dialeto*" (JOHNSON, 1988, p. 58). Para Krapp (1972 apud JOHNSON, 1988), o uso do *eye-dialect* na literatura "*serve a um objetivo para fornecer pistas óbvias de que o*

tom geral da fala deve ser sentido como algo diferente do tom da fala convencional" (KRAPP, 1972 apud JOHNSON, 1988, p. 59).

Além da função, o emprego do dialeto em textos escritos também estaria relacionado ao *status* da variável sociolingüística, ao comprometimento estético e lingüístico do autor e aos efeitos que esse uso poderia provocar nos leitores. Para William Labov (1970), o uso do dialeto na literatura legitimaria a variável sociolingüística, pois seria *"uma boa indicação de que uma determinada forma realmente ocorre e que possui um valor social alto o suficiente para ser notado pelo autor"* (LABOV, 1970, p. 62). Já para Sumner Ives (1955), o emprego do dialeto serviria *"para identificar um personagem como um membro de um grupo social ao qual não se presume que nem o autor, nem o leitor, pertençam"* (IVES, 1955, p. 415). Assim como Labov, Ives afirma que o escritor utilizaria uma variável sociolingüística *"apenas quando as pronúncias são socialmente indicativas"* (IVES, 1955, p. 416), cerceando seu uso.

No entanto, Ives (1950, p. 138) chama atenção para a questão da incompletude do dialeto escrito na literatura e para o comprometimento autoral com a estética e a lingüística, ao afirmar que

quase todos os exemplos de dialetos literários são deliberadamente incompletos. O autor é um artista, não um lingüista ou um sociólogo, e sua proposta é antes literária que científica. Realizando seu compromisso entre a arte e a lingüística, cada autor toma sua própria decisão a respeito de quantas peculiaridades da fala de seu personagem ele pode representar de forma proveitosa.

Isso se atrela, de acordo com o autor, à questão da legibilidade das obras literárias, pois *"o desejo autoral de manter sua representação nos limites de legibilidade e sua dificuldade de encontrar mecanismos adequados para grafar a pronúncia inibirão o retrato de um tipo de fala"* (IVES, 1950, p. 152), o que conduziria à parcialidade e à artificialidade do dialeto na escrita. Nas palavras do autor, *"todo dialeto literário será necessariamente um retrato parcial e artificial de uma fala real"* (IVES, 1950, p. 152).

Para Ives, o uso do dialeto na literatura seria limitado em benefício da leitura. Ao tratar dessa questão, afirma que *"o autor deve conter seu desejo para ser entendido e pensar na paciência e na compreensão de seus leitores"*, o que faz com que *"se o dialeto representado for muito diferente de outras variedades de linguagem mais conhecidas, a seleção autoral de traços para representá-lo é proporcionalmente restrita"* (IVES, 1950, p. 148). A esse respeito, conclui *"este compromisso com a tolerância de seus leitores limitará, de modo particular, a representação autoral das pronúncias"* (IVES, 1950, p. 148).

No caso de *The Color Purple*, a heterogeneidade lingüística da obra, exemplificada pelo uso de inglês padrão e não-padrão, estilos formal e informal e o emprego do *eye-dialect*, favorece a legibilidade do romance, possibilitando que a leitura da obra não se restrinja somente ao público leitor de BEV, mas que um grande número de

leitores, conhecedores ou não do dialeto, tenham acesso à leitura do romance.

Do ponto de vista sociolingüístico, a heterogeneidade da linguagem do romance deve-se às regras variáveis que condicionam a variedade lingüística, à inter-relação do BEV com o inglês padrão, bem como com outros dialetos do inglês. Apesar de o BEV apresentar variações regionais, verificou-se que Walker primou pelo o uso de traços fonológicos e gramaticais do dialeto descritos por sociolingüistas que privilegiaram, em suas pesquisas, uma descrição mais genérica do BEV, o que invalida qualquer afirmação em relação à homogeneidade regional do BEV.

Apesar de todas as limitações que o uso do dialeto traz para o texto escrito, desde as dificuldades nos planos mais formais às implicações de ordem social e ideológica, o emprego do BEV em *The Color Purple* "concluiu", de certa forma, a questão lingüística e social do BEV ao compromisso com a legibilidade e com a aceitabilidade do dialeto na literatura, fazendo com que o romance se comprometa com as implicações que o uso do dialeto traz para o romance e sua tradução.

A linguagem produzida em *A cor púrpura*: instaura-se a diferença

A tradução para o português de *The Color Purple*, que recebeu o nome de *A cor púrpura*, foi realizada uma única vez pelas tradutoras Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira, e publicada pela Editora Marco Zero, em 1986.

A obra traduzida foi construída valendo-se de uma linguagem bastante diversificada, o que levaria a pensar, num primeiro momento, que Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira foram coerentes com o texto originalmente escrito, marcando, na tradução, uma linguagem que "aproximaria" a tradução do original. Porém, ao se fazer uma análise um pouco mais criteriosa dessa tradução, observa-se que o tipo de linguagem empregado no texto traduzido não o "aproxima" do original, na medida em que se observa uma série de diferenças que se dá pela linguagem e na linguagem do texto original e da tradução brasileira, em vários planos.

No plano da linguagem da tradução, esta não remete às possíveis associações construídas por *The Color Purple*, principalmente à fala negra. Não se tem, no Brasil, um dialeto eminentemente negro,³ como é o caso dos Estados Unidos, em que a relação estabelecida entre linguagem e grupos étnicos marcou-se de forma mais sistemática ao longo da história.

Outro ponto a ser mencionado refere-se ao modo pelo qual as tradutoras elaboraram a linguagem da tradução, utilizando uma linguagem bastante particular na caracterização das personagens Celie e Nettie. Nesse processo de tessitura da linguagem, Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira não se "prenderam" à linguagem do texto original, na medida em que não se guiaram pelas marcas lingüísticas do texto original⁴ para realizarem a tradução.⁵ Mais

³ Para um maior aprofundamento sobre essa questão, ver Houaiss (1992) e Queiroz (1986), a respeito da política lingüística seguida no Brasil; Naro e Scherre (1993) e Alkmin (2001) sobre a carência de dados que revelem a existência de um "português negro" no Brasil; Vogt e Fry (1996) e Queiroz (1986) em relação à língua de comunidades negras brasileiras fundadas por ex-escravos; Mattos e Silva (2001), Spina (1987) e Naro e Scherre (1993) no que diz respeito à contribuição do negro na formação e na consolidação da língua portuguesa no Brasil.

⁴ Encontra-se, em anexo, um trecho da tradução, seguida de seu original, em que se verifica que não há uma relação de correspondência entre a forma lingüística da tradução e a do original.

⁵ Além dessa questão, acrescenta-se o fato de que análises que comparam o original com sua respectiva tradução buscam, em geral, avaliar a qualidade de um texto traduzido tomando o texto original como parâmetro, o que levaria a resultados limitados devido à unidirecionalidade (cf. LEFEVERE; BASSNETT (1990).

do que se valerem de uma estratégia de compensação, as tradutoras elegeram determinadas formas lingüísticas para configurar a tradução do romance, que se mantiveram ao longo da obra. Nota-se que as estratégias utilizadas na tradução não se localizam, necessariamente, no mesmo ponto do original, como também nem sempre correspondem à categoria sintática do elemento do romance original, o que impossibilitou uma análise que cotejasse a obra original com sua respectiva tradução. Essa estratégia pode ser associada à seguinte afirmação de Pedro Garcez (1999, p. 66): "*as alternativas de se 'dizer a mesma coisa', comunicando alinhamentos interpessoais diferentes, por recurso às alternativas no sistema lingüístico, não são necessariamente operadas no mesmo lugar do sistema lingüístico em línguas diferentes*". Para o autor, o importante é "*re-compor, ou transpor, evidências lingüísticas de modo a dar ao interlocutor ratificado, usuário da língua de chegada, condições de processamento do texto que sejam no mínimo tão boas quanto as condições já disponíveis ao leitor ratificado na língua de partida*" (GARCEZ, 1999, p. 67), o que reitera a importância da formação sociolingüística do tradutor.

Observa-se, assim, a criação de um "novo" dialeto para a versão brasileira de *The Color Purple*, que marcou as diferenças lingüísticas entre as irmãs quanto ao prestígio e ao estigma das formas utilizadas. Nesse processo de recriação dialetal, as tradutoras "respeitaram" as diferenças lingüísticas das personagens, construindo as cartas de Celie pelo uso de uma linguagem não-padrão, estilo informal e emprego de uma ortografia fora dos padrões convencionais. As cartas de Nettie, porém, caracterizam-se pelo emprego de uma linguagem eminentemente padrão e pela gradação de um estilo que transita entre o informal e o formal, evidenciando, assim, as diferentes linguagens das personagens. O texto traduzido conserva, assim como o original, a diferença lingüística e social das personagens, o que permite estabelecer, de modo análogo ao original, uma relação entre a linguagem das personagens e seus graus de escolaridade e de letramento.

Nesse processo de recriação dialetal, estabelece-se uma analogia entre os romances *A cor púrpura* e a versão francesa de *As aventuras de Huckleberry Finn* [*The Adventures of Huckelberry Finn*], de Suzanne Nétillard e analisada por Judith Lavoie (1994). Em ambos os romances originalmente escritos, as personagens usam BEV que, por sua vez, é traduzido para culturas de tradição dialetal completamente diversa. A opção das tradutoras brasileiras e francesa foi empregar um dialeto não-padrão; porém, no caso da tradução brasileira, criou-se um "novo" dialeto, que não se prendeu a marcas sociais e regionais específicas; na tradução francesa, a opção recaiu sobre dialetos rurais (LAVOIE, 1994, p. 124).

A tradução de *The Color Purple* para o francês, assim como para o português, também não produziu associações possíveis para o dialeto negro do original e a linguagem da tradução. Dessa forma, novas linguagens e novos sentidos para o romance foram construídos

por meio das traduções, o que reforça a impossibilidade de se conceber o texto traduzido como recuperação dos “mesmos” sentidos do original e reitera a tradução como produto de diferenças lingüísticas, sociais, culturais e ideológicas entre o original e a tradução, que se dão na linguagem e por meio da linguagem.

As escolhas das tradutoras e seus efeitos para o romance

Neste item, apresento quais foram as opções mais significativas das tradutoras na construção de *A cor púrpura* e como relaciono essas escolhas aos diferentes graus de escolaridade e letramento das personagens, relação que se dá pelo maior ou menor uso de linguagem não-padrão, estilo informal e ortografia em desacordo com as convenções institucionalizadas. Esses recursos foram agrupados em três categorias distintas: recursos de ordem gramatical, estilística e de aquisição de língua escrita.

É interessante observar que, para caracterizarem o estilo da linguagem das personagens, as tradutoras elegeram muitas formas em comum, que são utilizadas com diferente frequência entre as irmãs.

Recursos gramaticais

Em relação aos recursos gramaticais, essa diferença se constrói especialmente pela maior ou menor frequência do emprego de linguagem padrão e não-padrão. Como exemplo de linguagem padrão, há o uso de pronomes retos como sujeito e concordância verbal e nominal padrão; o uso de linguagem não-padrão dá-se pelo uso de pronomes retos como objeto como em “deixa ela” e concordância nominal não-padrão como em “os grande chapéu molengo”. Nas cartas de Celie, há o predomínio de linguagem não-padrão; as cartas de Nettie caracterizam-se pelo emprego reduzido de linguagem não-padrão, que se padroniza ao longo da tradução.

Recursos estilísticos

Verifica-se que a linguagem da tradução, assim como a do original, não varia de acordo com os interlocutores com quem as personagens interagem, mas de acordo com seus graus de escolaridade e de letramento.

Na construção da tradução, observa-se que a tradução é construída pelo emprego de recursos lingüísticos que podem ser associados à questão estilística, fazendo com que a linguagem formal e informal, ao lado da linguagem padrão e não-padrão, sejam constituintes da tradução.

O emprego do estilo informal na tradução nas narrações de Celie e de Nettie pode ter sido favorecido pelo gênero carta e pela intimidade entre os interlocutores para quem as personagens escrevem e com quem dialogam. A linguagem utilizada por Celie, porém, é mais informal que a linguagem de Nettie, e o estilo da linguagem da protagonista permanece praticamente o mesmo ao

longo do romance, enquanto o estilo de Nettie tende a ser formalizado no decorrer da obra.

Como exemplo desses recursos, tem-se o uso de aférese de vogal e de sílaba átona inicial, que, apesar de ser um recurso associado a uma questão fonológica, seu uso no romance pode ser atribuído à informalidade da linguagem das cartas. No romance traduzido, têm-se, respectivamente, os seguintes casos de aférese de vogal e de sílaba átona inicial: "contecendo", "paixonado", "inda", "güenta" e "parência", verificados somente nas cartas de Celie; "tô", "tá", "tão", "tava" e "tavam", observados nas cartas de Celie e de Nettie. No caso das cartas escritas pela protagonista, essas formas se conservam ao longo do romance; já as cartas escritas por Nettie apresentam uma frequência mais baixa das formas, já que a tendência à formalização de suas cartas faz com que esse uso seja gradualmente reduzido.

Há ainda o uso de formas reduzidas como "pro(s)" e "pra(s)"; o uso da expressão de tratamento "a gente", que oscila com a forma culta "nós". No caso da linguagem da personagem Celie, quando há o uso de "nós", os verbos perdem o "s" do morfema que marca a primeira pessoa do plural, resultando no uso de formas como "nós dois olhamo"; a linguagem das cartas de Nettie não apresenta essa característica, mas há o uso alternado das formas "a gente" e "nós", embora a forma "nós" predomine.

Os recursos "então e aí" foram bastante utilizados nas cartas de Celie e de Nettie, imprimindo um tom de conversa à linguagem das personagens. As construções populares como "pra que que" e "que nem" também estão presentes nas cartas das irmãs, ainda que as formas cultas com o verbo "haver" sejam predominantes nas cartas de Nettie. E, por fim, há o uso de "num" átono para "não" tônico, encontrado somente nas cartas de Celie.

A relação das escolhas com os processos de aquisição da escrita

A heterogeneidade ortográfica de *A cor púrpura* está associada à opção das tradutoras de construírem a linguagem da personagem Celie utilizando recursos que podem ser atribuídos ao baixo grau de escolaridade da personagem e, em especial, ao estágio de aquisição de língua escrita em que a personagem se encontra. Como indícios desse processo, há "erros" na grafia de vocábulos como "cumeçou", "piqueno", "vumitou", entre outros, que se alternam com as formas corretas. Essa oscilação entre as formas previstas e não previstas pela ortografia padrão pode ser associada à descrição lingüística que Cagliari (1999) faz do processo de aquisição de escrita pela criança. O autor explica que isso se deve ao fato de que "*as crianças, quando estão em fase de alfabetização, costumam escrever fazendo hipóteses sobre como seria a forma ortográfica das palavras (caracterização funcional das letras)*" e "*vão juntando informações a respeito de como a escrita é, através de um processo cumulativo que serve de referência para as hipóteses que fazem ao tentar*

descobrir a forma ortográfica de uma palavra por si mesmas" (CAGLIARI, 1999, p. 105).

Para Ademair da Silva (1994), a hipótese alfabética seria a responsável pela idéia de que *"cada letra de uma palavra deveria corresponder a um som da fala (fonema)"*, o que levaria a criança, em sua escrita, *"a representar os sons da fala"* (SILVA, 1994, p. 22). Isso se deve, ainda de acordo com o autor, ao *"desconhecimento das convenções ortográficas que regulamentam o uso alfabético dos símbolos"* (SILVA, 1994, p. 22), como, por exemplo, *"que um único som pode ser representado por várias letras ou que uma mesma letra pode representar vários sons"* (SILVA, 1994, p. 27). Segundo Cagliari (1998), as crianças, ao observarem a própria fala, seriam levadas a escrever *"errado"* em virtude da *"variação lingüística, ou seja, do modo como se dizem as palavras em diferentes dialetos"* (CAGLIARI, 1998, p. 79).

Em alguns momentos, porém, a criança, em seu processo de aprendizagem, oscila entre a *"hipótese fonética"* e a escrita convencional, produto *"das percepções da sua própria escrita"*, conforme aponta Silva (1994, p. 28), resultando no conjunto de formas ora previstas, ora não previstas pela ortografia padrão.

Outra estratégia empregada pelas tradutoras que pode ser relacionada à questão da aquisição da língua escrita de Celie é o processo de hipo-segmentação. Definida por Silva (1994, p. 33) como *"a junção de duas ou mais palavras"*, o autor se refere a esse processo bastante específico à escrita infantil, especialmente no que concerne à escrita espontânea. De acordo com o autor, *"a criança se utiliza de estratégias de segmentação idiossincráticas e específicas para um dado momento"*, que se relacionariam a *"aspectos discursivo, fonético, fonológico e semântico da linguagem oral"* (SILVA, 1994, p. 32). No caso do romance em questão, há determinadas palavras hipo-segmentadas que podem ser relacionadas ao processo de aquisição da escrita, como os casos de *"encima"*, *"queu"*, *"prum"* e *"preu"*. Especificamente nesses três últimos exemplos, essas formas, apesar de serem hipo-segmentadas, também podem ser associadas à linguagem informal. Além disso, o efeito atribuído aos processos de aquisição da escrita pode ser associado ao uso de *eye-dialect* no original.

Considerações finais sobre a análise do original e da tradução

As tradutoras procuraram manter as diferenças entre as irmãs por meio de diferentes linguagens, criando boas soluções para traduzir o BEV, não buscando estereotipar a linguagem do romance. Porém, nesse processo de caracterização da linguagem das personagens, constatei que muitas das estratégias empregadas pelas tradutoras foram as mesmas para Celie e Nettie, exceto os casos que podem ser associados ao processo de aquisição de língua escrita, o que é tomado como a *"pista"* que permite associar as oscilações

de ortografia da personagem Celie a seu baixo grau de escolaridade, uma vez que a protagonista interrompe seus estudos na fase de aquisição da língua escrita. A oscilação ortográfica nas cartas da personagem é o que marca, de forma mais sistemática na tradução, os diferentes graus de escolaridade e de letramento entre as irmãs. De modo geral, o que marcou a diferença das linguagens das irmãs na tradução foi a frequência de uso de recursos lingüísticos em comum, o que permite concluir que, apesar de os graus de escolaridade e de letramento de Celie e Nettie serem diferentes, essa diferença não é estanque, embora a linguagem da personagem Celie tenha apresentado uma frequência mais acentuada de linguagem não-padrão. No que diz respeito a Nettie, pode-se afirmar que é o grau de letramento mais elevado da personagem que propiciou o uso de formas lingüísticas próximas aos padrões normativos.

Essas opções, porém, não fizeram com que a linguagem da tradução se estruturasse pelo uso de um único recurso lingüístico, nem tampouco por um dialeto específico, já que os estilos formal e informal, ao lado de linguagem padrão e não-padrão co-ocorrem em *A cor púrpura*, ao lado da oscilação ortográfica.

As escolhas das tradutoras trazem algumas implicações não só para o romance, como também para o uso de dialeto não-padrão na literatura. Em relação ao romance, a primeira questão que se coloca é a de que os diferentes dialetos brasileiros situam-se, de um modo geral, nos planos social e regional, e não no plano étnico-social, como é o caso do BEV dos Estados Unidos. Desta forma, é inevitável que se construa, na tradução, um "novo" dialeto que, apesar de não-padrão, não apresenta relação com o BEV.

Assim, esse novo dialeto construído, apesar de ser estigmatizado, como o BEV, não traduz a "voz do negro", com toda a complexidade associada a este emprego na literatura, mas a voz de sujeitos pouco letrados em geral. Além disso, a linguagem não-padrão da tradução não é exclusiva de uma minoria, no caso, étnica, mas pode ser associada não só a uma vasta gama de brasileiros, mas também a indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais, já que, no Brasil, não se constrói uma relação direta entre o estilo e a classe social. Produz-se, dessa forma, um deslocamento de uma linguagem mais comprometida com fatores étnicos, que também revela a questão da baixa escolaridade e do baixo grau de letramento, no original, para um comprometimento com o baixo grau de escolaridade e letramento na tradução. Embora o dialeto não seja restrito a falantes negros, essa questão é reforçada pelos trabalhos a respeito do romance, o que faz com que o uso do BEV possa ser associado a questões étnicas. Não há, no Brasil, um dialeto negro, e assim, a linguagem da tradução não poderia associar-se às questões relativas ao uso de BEV na literatura, como é o caso da realidade norte-americana.

Apesar de não se estabelecer essa relação, o uso de linguagem não-padrão pela personagem Celie também marca, assim como o original, a imobilidade social da personagem, sua exclusão social e sua condição de marginalizada. A linguagem de Nettie, porém, não se compromete com essas questões, já que a tendência à padronização da linguagem de suas cartas faz com que essas relações, como também no original, sejam diluídas.

Verifica-se que o uso de linguagem não-padrão na tradução compromete-se com o "rompimento" de determinados padrões da tradução literária no Brasil, o que possibilitaria uma abertura para que outros romances também fossem traduzidos nessa linguagem. Apesar de haver essa possibilidade, infere-se que as escolhas dessas estratégias estariam condicionadas ao comprometimento das tradutoras com a legibilidade e a com aceitabilidade da obra, uma vez que a linguagem da tradução deveria ser acessível a um grande número de leitores no Brasil e não estaria restrita a um grupo social específico. De igual modo, não se pode desconsiderar o caráter de ficção do texto original e da tradução, produtos do mercado editorial, o que acabaria por balizar as escolhas da autora e das tradutoras, pois suas escolhas não se caracterizam por uma linguagem desconhecida do grande público, mais comprometida com a "realidade" de uma camada menos favorecida.

O uso de linguagem não-padrão na escrita e, em especial, na literatura, também evidencia que a variação não é exclusiva da fala. Conforme aponta Luiz Antônio Marcuschi (2001, p. 32), a "*variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente à língua padrão*". No entanto, os trabalhos descritos pela sociolinguística concentram-se na descrição da língua falada, sendo poucos aqueles que levam em conta o uso de linguagem não-padrão na escrita, o que faz com que questões mais específicas sobre esse uso permaneçam à margem.

Ao considerar a linguagem de um texto literário traduzido sob a perspectiva da sociolinguística, legitima-se um espaço para o estudo e a discussão dessa relação, bem como para a conscientização de que a atividade prática do tradutor pode ser enriquecida com a contribuição da sociolinguística. Analisar a linguagem de *The Color Purple* e de sua tradução com as lentes sociolinguísticas também abre caminhos para uma prática consciente que oriente a atividade do tradutor diante das dificuldades promovidas pela tradução dialetal. A tradução dialetal, assim como toda e qualquer tradução, será sempre o produto da diferença, e a significação de um texto será construída somente por meio de uma leitura e, assim, sentidos ao texto original serão atribuídos, e não resgatados num texto traduzido. A partir desses princípios, a pesquisa em tradução, associada à sociolinguística, trarão, certamente, grandes

contribuições a essa área ampla e complexa, porém, pouco explorada, dos Estudos da Tradução.

Anexo

Sinhô afinal chegou e pediu a mão da Nettie em casamento. Mas ele num quis deixar ela ir. Ele disse que ela tá muito nova, num tem **ixperiência**. Disse que Sinhô já tem muita criança. Depois, E o **iscândalo** que a esposa dele causou quando alguém **matou ela**? E que história é essa que dizem da Docí Avery? O que ele diz disso? (Carta de Celie a Deus, p. 15)

Mr. ___ finally come right out an ast for Nettie hand in marriage. But He won't let her go. He say **she too** young, no **experience**. Say Mr. ___ got too many children already. Plus What about the **scandal** his wife cause when somebody **kill her**? And what about all this stuff he hear bout Shug Avery? What bout that? (Carta de Celie a Deus, p. 7)

Abstract

The purpose of this paper is to establish a relationship between translation and sociolinguistics from the analysis of the Brazilian Portuguese translation of the epistolary novel The Color Purple, by the African-American writer Alice Walker, entitled A cor púrpura, by Peg Bodelson, Betúlia Machado and Maria José Silveira, in order to investigate how the linguistic heterogeneity of the original work, associated with the higher or lower frequency of the use of the standard English and the Black English Vernacular (BEV) by the characters, was built in the translation. In the analysis, I have verified the resources used to characterize the language of the characters and how they can be associated with Celie's and Nettie's different levels of education and literacy, making use of, as a tool for the analysis, descriptions of sociolinguistic variation, literacy theories and processes of written language acquisition.

Keywords: Sociolinguistics. Dialectal translation. Walker Alice. The Color Purple.

Referências

- ALKMIN, T. M. A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R. S. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 317-335.
- CAGLIARI, L. C. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 61-86.
- _____. Sob o signo da escrita. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 98-110.
- CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino do português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.
- DILLARD, J. L. *Black English: its history and usage in the United States*. New York: Vintage Books, 1972.
- FASOLD, R. W.; WOLFRAM, W. Some linguistics features of negro dialect. In: FASOLD, R.; SHUY, R.W. (Ed.). *Teaching standard English in the inner city*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1970.
- FRANCIS, W. N. The dialects of American English. In: _____. *The structure of American English*. New York: The Ronald Press Company, 1958. p. 480-543.
- GARCEZ, P.M. "Diversidade lingüística: considerações para a tradução". In: *Trabalhos em lingüística aplicada*. Campinas: v.33, p. 59-70, 1999.
- HOUAISS, A. O estatuto negro. In: _____. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- IVES, S. Dialect differentiation in the stories of Joel Chandler Harris. In: ALLEN, H. B. (Ed.). *American Literature*. New York: Appleton, 1955. p. 413-19.
- _____. A theory of literary dialect. *Tulane studies in English*, New Orleans, v. 2, p. 137-82, 1950.
- JOHNSON, C. L. *A womanist way of speaking: an analysis of language use in Alice Walker's "The color purple", Toni Morrison's "Tar baby" and Gloria Naylor's "Women of brewster place"*. 1988. 163 p. Tese (Ph.D.)-UMI Dissertation Services, Ann Arbor, 1988.
- KLEIMAN, A. B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 173-203.
- _____. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 15-61.

- LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Study of nonstandard English*. Champaign: NCTE, 1970.
- LAVOIE, J. Problèmes de traduction du vernaculaire noir américain: le cas de *The Adventures of Huckleberry Finn*. *TTR*, Montréal, v. 7, no 2, p. 115-144, 1994.
- LEFEVERE, A.; BASSNETT, S. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights: the "cultural turn" in Translation Studies. In: _____. *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990. p. 1-13.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 15-43.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular no Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, p. 437-54, 1993. Número especial.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- _____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- QUEIROZ, S. A língua dos negros da Tabatinga. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 jul. 1986. Suplemento Literário, p. 14.
- SARIAN, M. C. A tradução e a sociolinguística: um estudo sobre *The color purple* e sua tradução. 2002. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)—Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.
- SILVA, R.V. Mattos e. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 11-27, 2000.
- SMITHERMAN, G. *Black talk: words and phrases from the Hood to the Amen Corner*. New York: Houghton Mifflin, 1994.
- SPINA, S. A projeção da língua com a expansão navegatória. In: _____. *História da língua portuguesa III: segunda metade do século XVI e XVII*. São Paulo: Ática, 1987. p. 21-26.
- TARALLO, F. Aspectos sociolinguísticos da tradução. *Tradução & Comunicação*, São Paulo, n. 4, p. 91-106, 1984.
- URBANO, H. *Oralidade na literatura (o caso de Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.
- VOGT, C.; FRY, P. *Cafundó: a África no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1996.
- WALKER, A. *The color purple*. New York: Pocket Books, 1985.
- _____. *A cor púrpura*. São Paulo: Marco Zero, [entre 1986 e 1989]. 7ª edição.
- WOLFRAM, M.; FASOLD, R. W. *The study of social dialects in American English*. Engewood Cliffs: Prentice Hall, 1974.